

Afeto e Razão nas Práticas Comunicativas entre Alcoólicos: a sociabilidade nos Grupos Anônimos de mútua ajuda.

E. GANEV

Doutora em Integração da América Latina (PROLAM/USP, 2002); Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP, 1998); Bacharel em Serviço Social pela (atual) UNISANTOS (1985). Ex-Docente Titular e Pesquisadora do Mestrado de Políticas Sociais e do Bacharelado em Serviço Social da UNICSUL/SP

E-mails: eliane.ganev@cruzeirosul.edu.br

Como citar o artigo:

GANEV, E. **Afeto e Razão nas Práticas Comunicativas entre Alcoólicos:** a sociabilidade nos Grupos Anônimos de mútua ajuda. **Uníftalo em Pesquisa**, URL: www.italo.com.br/pesquisa. São Paulo SP, v.7, n.1, p. 111-136, jan/2017.

RESUMO

O texto a seguir discute os usos deliberadamente articulados da razão e do afeto nas práticas comunicativas empreendidas no âmbito dos grupos de Alcoólicos Anônimos (AA). Tem por objetivo contribuir na discussão sobre as potencialidades das estratégias comunitárias na construção de sociabilidades voltadas à perspectiva da emancipação humana. Apresenta um estudo específico sobre a *abordagem*, ferramenta utilizada no trabalho voluntário dos membros desta organização e que visa a propiciar processos de reconhecimento do alcoolismo por parte de indivíduos portadores deste transtorno, além da eventual adesão aos grupos de ajuda mútua. Em termos metodológicos, trata-se de uma reflexão feita a partir de fontes secundárias, as quais incluem a nossa pesquisa de doutoramento. Destacamos, como uma das implicações centrais da abordagem em AA, a habilidade em operar de modo acolhedor e criativo com a alteridade, em face das múltiplas e radicais heterogeneidades constitutivas dos grupos e membros da organização.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade. Comunicação. Razão e afeto. Alcoolismo. Abordagem em AA.

ABSTRACT

The following text discusses the deliberately articulated uses of reason and affection in communicative practices undertaken within the groups of Alcoholics Anonymous (AA). It aims to contribute with the discussion about the potential of community-based strategies in the construction of sociability facing the perspective of human emancipation. It presents a specific study of *approach*, a tool used in the voluntary work of members of this organization, which aims to providing recognition processes of alcoholism by individuals suffering from this disorder, in addition to propitiate accession to this mutual support groups. In methodological terms, it is a reflection taken from secondary sources, which include our doctoral research. It presents, as one of the central implications of the *AA approach*, the ability to operate warmly and creatively with alterity, considering the multiple and extreme heterogeneities constitutive of AA groups and members.

KEYWORDS: Sociability. Communication. Reason and affection. Alcoholism. Approach in AA.

1 INTRODUÇÃO

Temos investigado as práticas comunicativas empreendidas no âmbito da organização intitulada Alcoólicos Anônimos (doravante AA), com o objetivo de melhor apreender as relações entre comunicação, cultura e produção da subjetividade e de sociabilidade nesta organização, vez que se trata de uma iniciativa globalmente reconhecida de protagonismo social no trato de um complexo problema de saúde pública: o alcoolismo.

Embora a maior parte da pesquisa em torno do alcoolismo e de AA provenha do campo da saúde, entendemos que as contribuições mais instigantes dessa associação encontram-se nos campos da comunicação social e das ciências sociais. Isto porque, por um lado, AA se estabeleceu como um movimento cultural e uma entidade leiga que não oferece qualquer *solução* para a dependência de álcool, no sentido de cura; porém, em todos os continentes, seus membros (doravante AAs), organizados em grupos, têm viabilizado algo que opera de algum modo como uma desejável condição prévia para profissionais de saúde e de outras áreas poderem atuar no universo do alcoolismo, visando a produzir conhecimentos capazes de levar à sua erradicação: AA desenvolveu *uma estratégia de comunicação entre alcoólicos*, efetiva o suficiente para:

- Romper a *incomunicação* característica das relações interpessoais envolvendo alcoólicos, resultante dos mais diversos tipos de *ruídos*: lapsos de memória, uso deliberado *ou não* de mentiras, omissões, distorções e outras formas de racionalização defensiva e negação das situações decorrentes da ingestão abusiva de álcool; alterações e desequilíbrios emocionais diversos, que vão

emergindo e se agravando com o desenvolvimento da dependência alcoólica;

- Propiciar situações de diálogo íntimo e profundo entre alcoólicos que se encontram em situações simetricamente opostas: uns, que lograram interromper as dinâmicas da dependência do álcool e reinventar a própria vida; e outros, imersos na vivência das perdas e sofrimentos impostos pelo alcoolismo;
- Manter a continuidade e a qualidade deste diálogo no tempo e no espaço, de maneira a fortalecer habilidades individuais e contextos propícios à concretização e consolidação de processos de transformação subjetivo-culturais;
- Levar à institucionalização das mesmas práticas no âmbito da organização, hoje globalizada, sem perda das características e potencialidades comunicativas até aqui indicadas, apesar das substantivas e múltiplas diversidades e adversidades que atravessam os grupos e escritórios de AA nos países aonde veio a se instalar, a partir de 1935; e apesar, também, dos problemas que soem advir de qualquer processo de institucionalização de movimentos culturais e sociais (burocratização, perda ou desvirtuamento dos objetivos e da legitimidade iniciais, insuficiências financeiras);
- Ser replicada mundialmente no trato de outros transtornos de saúde mental e enfermidades várias, problemas sociais ou outras circunstâncias de vida em comum, sob a forma de associações que tomam emprestadas as bases de tal estratégia comunicativa: outras entidades de “Anônimos” (Narcóticos, Fumantes, Neuróticos, Psicóticos, Familiares de alcoolistas e drogadictos,

Dependentes de Amor e Sexo; Jogadores, Devedores e Comedores Compulsivos, por exemplo); grupos de ajuda mútua para vítimas de distintas formas de violência, hipertensos, gestantes, portadores de HIV, câncer etc.

A estratégia comunicativa de AA inclui, para usar o jargão da própria associação, a *abordagem* e a *freqüência às reuniões dos grupos*, como práticas fundadas na chamada *linguagem do coração* e a partir da *mensagem de A.A.*, oferecendo aos potenciais novos membros *um novo modo de ver e de ser*, a serem adquiridos no transcorrer de um singular *modo de conviver*¹.

Por ocasião da nossa pesquisa², durante um período de três anos levantamos informações através de um conjunto de procedimentos empíricos de curto e médio prazos, tentando abarcar em totalidade uma práxis comunicativa a nosso ver singular e que não poderemos expor em completude neste artigo. O que apresentaremos a seguir é uma discussão específica em torno da *abordagem* em AA, entendida enquanto *unidade mais simples* daquela estratégia, refletindo sobre os usos da razão e do afeto aí empregados de modo planejado e articulado, e possíveis implicações internas e externas à entidade.

Quanto aos demais elementos da práxis comunicativa referida, bastará indicar que a *mensagem* de AA diz respeito a conjuntos de princípios (os chamados “Doze Passos” para a recuperação do alcoolismo; “Doze Tradições” para o funcionamento dos grupos; e “Doze Conceitos” para a estruturação dos seus fóruns nacionais e

¹ Os itálicos sinalizam expressões cujos conteúdos e significados serão retomados a seguir.

² Defendida como tese de doutorado e inédita (GANEV, 2002). À época, publicamos um artigo sintetizando a pesquisa em suas linhas gerais, porém, sem aprofundar os aspectos aqui discutidos (GANEV, 2003).
Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

internacionais³) a partir dos quais os membros buscam inicialmente permanecer abstêmios em relação ao álcool para, então, empreender um processo que é, a um só tempo, de *resgate e reinvenção* de si mesmos e do seu modo de vida; e que é idealmente desenvolvido no âmbito do pertencimento regular a qualquer dos grupos de AA, implicando a frequência às suas reuniões e o livre envolvimento em suas demais atividades. Estas são centradas nos objetivos de preservar a recuperação dos membros e divulgar sua proposta a potenciais novos membros (estes objetivos são considerados pelos AAs como limites que não convém extrapolar). Já quanto à *linguagem do coração*, diz respeito à concepção dos próprios AAs acerca da abordagem e estará no centro da nossa reflexão.

Este artigo foi assim organizado: além desta Introdução, no tópico a seguir descreveremos a abordagem em AA tal como se encontra descrita em sua bibliografia oficial e tal como pudemos apreendê-la durante o trabalho empírico realizado por ocasião da pesquisa antes referida; no item seguinte, analisaremos o processo pelo qual esta prática tornou-se coletiva nas reuniões dos grupos, sempre discutindo especificamente os usos da razão e do afeto nestas experiências comunicativas e seus eventuais rebatimentos na produção de uma sociabilidade singular entre os membros. Finalizaremos com algumas considerações em face dos objetivos indicados, seguidas das nossas referências.

³ Disponíveis na íntegra em www.alcoolicosanonimos.org.br. Acesso em 27/04/2014. Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

1. ABORDAGEM EM AA: UMA CONSTRUÇÃO RACIONAL-AMOROSA

Para os AAs, a sua abordagem consiste no encontro *preferivelmente planejado* entre um alcoólico *na ativa* (ainda ingerindo álcool) e outros (um ou dois) que já fazem parte de AA e, mais do que abstêmios, estão refazendo suas vidas de um modo tal que deixa transparecer satisfação e vitalidade⁴. Em geral, o jogo entre as profundas semelhanças (oriundas das vivências comuns do alcoolismo) e os gritantes contrastes desse encontro inicial (apresentação pessoal e estados de espírito díspares dos interlocutores) são habilmente evidenciados por meio de outro jogo, o das linguagens (verbal e não verbais); e tudo isto produz, no *abordado*, imediata identificação, confiança, desejo e esperança de superação e mudança.

O protótipo dessa prática comunicativa, minuciosamente estruturada como veremos, aconteceu de forma espontânea e pode ser encontrado na história do encontro entre aqueles que são considerados os principais fundadores de AA, os norteamericanos Bill W., corretor da bolsa de valores em Nova York, e Bob S., médico-cirurgião da cidade de Akron⁵. Ambos tinham em comum uma *carreira etílica* longa e desastrosa, haviam sido desenganados pela medicina de seu tempo e lugar, mas nutriam persistente desejo de (bem) viver.

Bill, sozinho e em viagem profissional a Akron em 1934, procurou ajuda para tentar preservar uma frágil abstinência de quatro meses (que vinha sendo mantida através do contato diário com outros alcoólicos). A

⁴ Uma exposição detalhada sobre o conceito de abordagem pode ser encontrada no Capítulo 7 do primeiro e principal livro da bibliografia oficial de AA, que leva o mesmo nome da associação (JUNAAB, 2001a, p. 117-132).

⁵ O relato sintetizado a seguir pode ser encontrado de forma mais completa no livro intitulado *AA Atinge a Maioridade* (JUNAAB, 2001b, p. 59-64).

ajuda consistia, segundo suas próprias palavras, *num bêbado com quem ele mesmo (ex-bêbado) pudesse conversar* e foi buscada por meio de uma sucessão de telefonemas desconcertantes para igrejas locais. Afinal ele conseguiu o nome e o telefone residencial de Bob; dias depois, o próprio Bob, se refazendo de uma *bebedeira* e com expressa má vontade lhe concedeu "apenas quinze minutos". Mas, conversaram durante cinco horas a partir do relato de Bill sobre suas próprias perdas e angústias, produtos de uma situação que escapara ao seu controle, e sobre sua recém-descoberta capacidade de manter-se abstinência através do trabalho voluntário com outros bebedores-problema⁶. Dessa conversa e das muitas que se seguiram a partir dos vínculos surgidos entre ambos, foram sistematizados mais tarde os aprendizados que resultaram na própria fundação de AA — autodenominada *irmandade* — os quais desde então norteiam a realização de milhões de abordagens no mundo, em dezenas de idiomas, ao longo de quase oito décadas. Quais são estes aprendizados?

Em primeiro lugar, os recém-abstêmios concluíram que o *segredo* do impacto da sua abordagem reside numa condição insuficiente, mas necessária para produzi-lo e que os futuros membros de AA preencheriam sem exceções, apesar de sua grande diversidade interna: simplesmente, ser alcoólico. Trata-se de uma circunstância que permite que se conheça com realismo e profundidade a natureza específica da *incomunicação* e da alienação que se abatem sobre *qualquer* alcoólico. Pessoas que eventualmente superaram sua dependência alcoólica

⁶ Embora se trate de uma história real, o encontro entre os assim chamados co-fundadores de AA é provido de dimensão e força *mitológicas* no âmbito dos grupos de AA em todo mundo, no sentido empregado por Campbell (1995) quando afirma que o "prodígio básico" de todo mito "reside em tocar e inspirar profundos centros criativos" (CAMPBELL, 1995, p.15), fornecendo, além disso, "os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a leva-lo para trás" (Op.cit., p.21). No caso de alcoólicos, a estas fantasias potencialmente autodestrutivas se somam anos ou décadas das vivências concretas do alcoolismo ativo, de natureza similar.

adquiriram um *equipamento* e um *repertório para lidar com beberrões contumazes*, que nenhum amigo, familiar ou profissional *não-alcoólicos* podem ter: o conhecimento *vivido* da subjetividade e da cultura *próprias* do alcoolismo (racionalidades, sensibilidades, trajetórias e episódios típicos, cotidiano e valores específicos, psiquismo e sofrimentos decorrentes). Desse modo, experiências marcantes e desejos profundos por superação passam a ser a *via de acesso* a outros alcoólicos que *também* os guardam em seu íntimo. Ou seja, os AAs "conhecem muito bem as manhas de um alcoólico, da mesma forma que um trapaceiro regenerado continua conhecendo a arte de iludir o próximo" (ALEXANDER, 1941, *apud* JUNAAB, 2011, p.6). Ou ainda, nas palavras do *primeiro abordado* da história oficial de AA:

(...) ele foi o primeiro ser humano com quem conversei, em toda a minha vida, que sabia do que estava falando, em relação ao alcoolismo, a partir de experiências reais. Em outras palavras, ele falava a minha linguagem. Conhecia todas as respostas e, certamente, não por tê-las tirado de um livro (BOB S., 1939, *apud* JUNAAB, 2001a, p.201, comentando sobre Bill W.).

Mais tarde foi sistematizado todo um *estilo* da abordagem que, com a experimentação sistemática e orientada por profissionais simpatizantes da nascente associação, se mostrou mais adequado e inclui: obter o consentimento prévio, livre e esclarecido, da pessoa que será abordada, considerado indispensável; evitar *pregações* de qualquer espécie; enfatizar os aspectos bio-físicos do alcoolismo, em particular suas consequências quando não tratado, com base tão somente na trajetória pessoal de quem aborda; não-julgamento do *abordado*; construção de empatia e reciprocidade na comunicação, através do falar acerca de si mesmo com um máximo de honestidade, simplicidade e minúcia; respeito à privacidade do outro (que só falará se assim quiser, Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

reconhecendo ou não o seu alcoolismo); e atenção especial para com a apresentação pessoal (asseio, trajes, atitudes), considerada como conjunto de sinais significativos que dão visibilidade e concretude à recuperação.

É esse estilo da abordagem que é chamado em AA de *linguagem do coração*, configurada ainda como uma interessante *intenção de alcançar determinada qualidade de transparência involuntária*. Isto é, os membros em geral são conscientes de que transmitem em seus contatos pessoais o que de fato são e o estado real em que se encontram; seu interlocutor, também alcoólico, capta esse *estado do ser* e, desse modo, falseamentos, artifícios ou superficialidades serão logo percebidos. Não tendo como evitar essa transparência, precisam, por outro lado e por questão de sobrevivência, desenvolver-se *de fato*, transformando a si mesmos em exemplos *legítimos* do que *gostariam* de transmitir àqueles com quem dialogam, ou do que *deduzem* por sua experiência anterior que seus interlocutores gostariam de encontrar neles. Assim, a utopia *toca* o fundo da alma de ambos, mesmo que frágil e momentaneamente durante a abordagem, porque de algum modo já está visivelmente materializada na vida do abordador. E a *linguagem do coração* se dirige a alguém que está talvez no momento mais crítico do *mesmo* processo, mas até então sem qualquer perspectiva de bons desfechos.

Ora, quando um alcoólico submetido longamente ao isolamento e à autoalienação recebe de outro — que sequer aparenta ter sido um *beberrão* — uma abordagem terna e respeitosa; quando inesperadamente ouve a sua própria tragédia (aquela mesma que ninguém mais "compreendia") narrada em detalhes rigorosamente exatos, pela boca dessa figura paradoxal — a um só tempo

desconhecida e íntima — não surpreende que o impacto desse encontro seja suficiente para conseguir o que ninguém mais conseguiu até então: identificação e confiança. Foram rompidas as barreiras que impediam qualquer *possibilidade* de diálogo e uma impensável relação multiplamente *já amorosa* (envolvendo o amor a-si-mesmo-no-outro e o amor à vida) se estabelece entre indivíduos que, até momentos antes, sequer se conheciam mutuamente.

Por outro lado, se o conhecimento, a técnica (sobretudo médicos, nesse caso) e o poder (religioso, familiar, empregatício, judicial, policial e outros) não podem apropriar-se do alcoólico se este não o consentir, por outro, alcoólicos que se autorresgataram apropriaram-se de algum conhecimento e técnica; adaptaram-nos e utilizaram-nos conforme o seu próprio e exclusivo conhecimento *vivido*, a fim de aprimorar o *diálogo possível*⁷ com seus iguais.

No processo dessa apropriação, além de procurarem manter-se atualizados acerca dos conhecimentos acadêmicos sobre alcoolismo, os AAs concluíram que *estudando* seus potenciais futuros membros a fim de adaptar as abordagens caso a caso, era possível aumentar as chances de comunicação e adesão à proposta da entidade. Tal estudo deveria ser feito *indiretamente*, através de pessoas-chave que convivem ou circunstancialmente estão em contato com o futuro abordado: familiares, amigos, empregadores, colegas de trabalho, médicos, enfermeiros etc. Junto a tais pessoas, os AAs tentam obter um perfil geral, traços de personalidade e características da trajetória ética do potencial futuro membro. A partir daí, membros locais de AA cujo perfil e história mais se assemelhem ao caso se *prontificam* para cada abordagem — vale aqui enfatizar que o caráter voluntário e livre destes

⁷ Para uma discussão sobre o conceito de diálogo possível, ver Medina (1995).
Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

contatos é considerado um elemento fundamental da abordagem em AA, tal como expresso em sua “Oitava Tradição”, que afirma: “AA deveria manter-se sempre não-profissional. Definimos profissionalismo como o emprego do aconselhamento a alcoólicos em troca de honorários ou salário” (JUNAAB, 2006, p.173). As razões para isto são informadas no texto que desenvolve e justifica este princípio de funcionamento:

Os alcoólicos simplesmente negam-se a dar ouvidos a um pregador (...) remunerado. Quase que de começo, tivemos certeza de que um trabalho cara-a-cara junto do alcoólico que sofre só poderia ser baseado no desejo de ajudar e ser ajudado. Quando um AA recebe dinheiro para falar (...) o resultado pode ser muito ruim para ele também. O motivo financeiro compromete-o e a tudo aquilo que ele faz e diz (JUNAAB, 2006, p. 150).

Planejada com tal grau de detalhamento, a abordagem se torna ainda mais efetiva para quem aborda. A atividade permite ao voluntário manter-se em estreito contato com sua própria história de vida, para muito além do alcoolismo, presentificada na pessoa do abordado; de modo que o membro pode compreender a si mesmo mais e mais, sob prismas sempre outros, porque outros são os interlocutores e contextos de cada evocação da sua memória.

Por outro lado, seu ouvinte, desconfiado, o perscruta de alto a baixo e mal acredita que possa se transformar em algo parecido com a pessoa cortês e verdadeira que está a ouvir. Irrita-se e não raro suspeita que sua intimidade foi *delatada* ao desconhecido por algum familiar (tamanhas são as semelhanças), mas ao mesmo tempo deseja chegar onde seu interlocutor está: um *lugar* que lhe parece bem melhor que o seu próprio e que até então lhe parecia *inacessível*, mas foi alcançado por seu interlocutor — *uma pessoa comum*. A má vontade inicial com

que em geral começa a ouvir vai sendo dissolvida e, quando se dá conta, está falando com naturalidade sobre questões e incidentes que até dez minutos antes seriam negados com veemência ou mantidos sob o mais rigoroso (e no mais das vezes ilusório) segredo.

A abordagem em AA, mais do que permitir a mera *reversibilidade* entre emissor e receptor, borra as fronteiras entre os elementos constitutivos de qualquer ato ou processo comunicativo: emissor, receptor, mensagem, veículo e código. Propõe a *conversibilidade* entre estes elementos: uma vez iniciado o encontro, tanto abordadores quanto abordados ouvem e falam, mas também se tornam eventualmente veículos, mensagens e códigos — a personagem bem composta que impressiona o alcoólico ativo e o ser desfigurado que este ainda é são elementos indissociáveis da *mensagem* de AA, que nesse momento se dirige a ambos indistintamente; as figuras humanas que sustentam essas personagens são já e também *veículos* dessa mensagem; a amabilidade, discrição e asseio de uns, tanto quanto a agressividade, inadequação ou constrangimento de outros se fazem *códigos*; o alcoólico ativo, mesmo não o querendo *racionalmente*, torna-se parte do processo comunicativo em curso porque sua realidade — seu silêncio, arrebatamento ou rejeição — confirmam e atualizam o que seus interlocutores estão a dizer (de si próprios).

Ou seja, do ponto de vista da comunicação, tal prática comunicativa alcança uma qualidade eventualmente perseguida em muitos campos da atividade humana, mas raramente concretizada, a comunicação *de sujeito a sujeito* ou *inter-subjetiva*.

Não podendo discutir aqui alguns limites importantes da abordagem em AA, apontaremos apenas um deles, mais diretamente associado à nossa reflexão: trata-se de uma prática inter-individual cujos

resultados ficam sempre restritos a um plano *micro*, enquanto o alcoolismo é um problema de escala planetária. Assim sendo, para torná-la acessível ao universo de situações nas quais tem se mostrado adequada, seria preciso transformá-la numa prática *coletiva*, *sem perder* a sua propriedade de ensejar relações inter-subjetivas.

Isso aconteceu através da criação dos grupos e de suas reuniões, que implicaram uma *coletivização* da abordagem (decorrente também da institucionalização de AA dentro e fora dos Estados Unidos, e ainda, da sua difusão por meio dos livros e demais produções da entidade). De fato, as reuniões são atualmente o espaço privilegiado do *primeiro contato* entre alcoólicos ainda ativos e AA, substituindo a abordagem enquanto *forma comunicativa mais simples* da entidade. Os encontros entre dois ou três alcoólicos subsistem como recurso complementar e eventual.

A *natureza* e a *lógica* da abordagem permaneceram nas reuniões, mas sua dinâmica sofreu alterações que parecem ter potencializado ainda mais as chances da comunicação inter-subjetiva, uma vez que, na matemática *humana*, qualquer *comunidade* é muito mais que a mera *soma* das respectivas individualidades. Ao falar a um grupo de pessoas, cada membro se transforma em *narrador* e sua oralidade (alimentada pela mesma fonte: as memórias de sua história de vida), diante da incontornável mediação de cativar o grupo *para* cativar o indivíduo que está chegando, se transforma em *oratura*, isto é, na oralidade enquanto arte (cf. MEDINA, 1998). É o que discutiremos a seguir.

2. REUNIÕES⁸: PRÁTICA COLETIVA DA LINGUAGEM DO CORAÇÃO

Nos grupos brasileiros, as reuniões de AA duram em média duas horas e são ofertadas com grande variedade de horários e locais, diariamente⁹. A palavra é franqueada aos membros presentes, que em geral dela fazem uso por até dez minutos, sucedendo-se no relato de suas histórias, dificuldades e alegrias, sem entrar no mérito do que os demais dizem — cada qual fala de si e não há réplicas nem comentários sobre as falas alheias. Por razões óbvias, evita-se (o mais ternamente possível) dar a palavra a pessoas alcoolizadas. Há um rápido intervalo para um café com bolachas, quando é passada a "sacola" para contribuições em dinheiro, voluntárias e anônimas¹⁰. Um coordenador(a) apenas marca o tempo de cada orador, e qualquer manifestação mais emotiva, ou uma fala considerada inadequada, não será interrompida e nem questionada. Pede-se aos presentes que respeitem o caráter confidencial (anônimo) dos relatos e das identidades dos membros.

No mais, durante as reuniões o silêncio é completo e o clima é de envolvimento, identificação, respeito, solidariedade, alegria e bom humor — os AAs desde logo aprenderam a rir de si mesmos como parte da estratégia para superar seus horrores. E consideram como partes *constitutivas* das reuniões o seu "antes", o intervalo e o "depois", valorizados como momentos privilegiados para a acolhida e o processo

⁸ Numerosos estudos das dinâmicas e resultados dessas reuniões têm sido elaborados. A revista de AA publica eventualmente versões sintetizadas pelos autores, a exemplo de Carazzai (1994), Figueiredo (1996), Jellinek (1997), Martins (1995) e Silva (1996), cf. levantamento feito ainda em 2002.

⁹ No fechamento deste artigo, o site oficial informava a existência de 4.961 grupos e 11.579 reuniões semanais existentes no país. Disponível em: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br/aonde-estamos/informacao-ao-servico/areas-districtos-grupos.html>. Acesso em 27/04/2014.

¹⁰ AA recusa doações e verbas externas de qualquer espécie, não acumula valores nem patrimônio e busca arrecadar apenas o suficiente para suas despesas correntes e uma reserva para alguns meses (para imprevistos); todos os grupos funcionam em locais alugados ou cedidos (cf. JUNAAB, 2006, p. 144-149).

de integração dos recém-chegados e de eventuais visitantes — estudantes, jornalistas, pesquisadores, familiares, líderes comunitários e outros.

Sob tal cuidadosa estruturação espaço-temporal é que a comunicação *de sujeito a sujeito*, típica da abordagem, tornou-se prática coletiva pela qual os narradores se contam a um grupo de ouvintes, os quais em seguida passarão à condição de narradores, se assim quiserem.

Muito tem sido escrito sobre a arte da narrativa e a figura do narrador¹¹. Reis e Lopes, em seu *Dicionário de Narratologia* (2000), propõem uma distinção fundamental que pode ser tomada como ponto de partida, entre autor e narrador: *autor* é cada pessoa de carne e osso, na concretude de sua existência e suas relações reais, enquanto *narrador* é instância e produção simbólica, impostação escolhida e constituída para contar algo sobre aquela existência e aquelas relações¹².

Já Benjamim (1996) caracterizou tal *instância simbólica* por traços grandes e simples. Para ele, o *narrador* possui a faculdade de intercambiar experiências — as que viveu e também as ouvidas de outrem e que assimilou profundamente; de transmiti-la *de boca em boca*; de falar ora como viajante, contando sobre o que está distante no *espaço* (as diferenças), ora como *sedentário*, contando o que está distante no *tempo* (as tradições). O narrador fala *exemplarmente* (do que viu e viveu) e isto confere autoridade e sabedoria ao que conta. Ele pode, portanto, *aconselhar* (desde que isto lhe seja pedido, pois a

¹¹ Para maior aprofundamento, ver: Benjamim (1996), Bosi (1989) e Medina (1995).

¹² É preciso observar aqui que, numa comunidade em que a oralidade ocupa um lugar tão singular como em A.A., os vários *autores* criam inúmeros narradores — infelizmente, foi preciso descartar à época esse desdobramento possível da pesquisa, que ficou então indicado como possibilidade de continuidade. Uniáto em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

verbalização da situação delicada é que torna o ouvinte *receptivo*), isto é, *sugerir uma continuação* para a história de outrem. Em decorrência, toda narrativa tem uma dimensão prática e útil. Além disso, narrativas e narradores estão atravessados pela idéia de eternidade, cujo suporte é a própria morte: se esta (e a idéia da sua *iminência*) não tiver sido *depurada* do contexto da narrativa, exercerá sua força de evocação e conferirá mais autoridade ao narrador, tornando o que ele diz *inesquecível* aos ouvintes.

O espírito da narrativa, conforme Bosi (1989), está fundado no fato de que ela não carece de explicações, de plausibilidade; o narrador é minucioso ao contar o miraculoso e o extraordinário, mas deixa livres os seus ouvintes para interpretarem o contexto e imprimirem significados. Esse *estilo seco*, de "sóbria concisão" — pelo qual a narrativa *não se entrega* — permite-lhe conservar suas forças indefinidamente, de modo a suscitar espanto e reflexão a cada vez que a história é (re) contada, afinal, "Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo" (BENJAMIM, 1996, p. 205).

Em todos esses sentidos, podemos definir as reuniões de grupos em AA como pequenas comunidades de narradores. Cada grupo é formado por homens e mulheres que se encontram regularmente e amiúde, em meio ao caos da vida social contemporânea, exclusivamente para *contarem (suas) histórias* uns aos outros; quer o grupo esteja localizado numa grande cidade, na zona rural, em aldeias indígenas ou dentro de prisões, no ocidente como no oriente, e quer o grupo tenha cinquenta anos ou cinco semanas de existência.

Resgatando o estilo da abordagem, cada relato nas reuniões é feito sempre na primeira pessoa do singular e na linguagem do coração, ou seja, temperado com o modo de ser de quem (se) conta e com o propósito declarado de "levar a

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

mensagem de recuperação aos alcoólicos que ainda sofrem" (JUNAAB, 2006, p.135). Tal estilo evoca a "antiga coordenação da alma, do olhar e da mão" que, segundo Benjamim (1996, p. 221) pode ser encontrada "onde quer que a arte de narrar seja praticada". Além disso, os narradores de AA falam *autorizados* pelo exemplo e pelo atravessamento da idéia de morte: em sua maioria, procuraram ajuda na associação logo após terem vivenciado algum tipo de situação-limite que, ou esteve ligada à morte iminente (própria ou de outrem), ou foi vivida simbolicamente como morte: acidentes de todo tipo (com ou sem sequelas), perdas ou ameaças de perdas (do convívio familiar, do emprego, do teto, do carro ou outros bens materiais, de um relacionamento valioso), tentativas de suicídio, internações em instituições psiquiátricas, ou mesmo acontecimentos pessoais e íntimos, como alguma transgressão supostamente imperdoável a algum valor muito caro; ou uma manifestação do absurdo, quiçá insignificante para quem ouve, mas percebida como alarmante por quem a protagonizou e a conta. Estes narradores falam, pois, na condição de sobreviventes de uma catástrofe, sempre *gravíssima* para eles.

"Em AA não se dá conselhos" — é uma frase ouvida sempre ouvida nas reuniões. No entanto, um elemento ainda não mencionado de funcionamento da associação, o chamado "apadrinhamento", nada mais é do que aconselhar no sentido em que o fazem os narradores. Cada novato é orientado no sentido de escolher um *padrinho* (ou *madrinha*, se for mulher, a fim de evitar rebatimentos de eventuais envolvimentos *outros* numa relação que precisa ser de mútua ajuda e amizade). Caso as pessoas escolhidas aceitem, terão início vínculos nos quais os *afilhados(as)*, apenas na medida em que o queiram, *contarão* suas dificuldades cotidianas para membros mais experientes. Estes, por sua

vez, são orientados no sentido de não *aconselharem* no sentido *prático* da palavra, ou seja, não cabe a eles *prescreverem* a seus afilhados(as) o que devem fazer ou não em cada situação concreta, mas tão somente oferecer sua própria experiência pessoal em situações similares, *contando* as soluções que encontraram, decisões que tomaram, consequências e aprendizados posteriores, deixando sempre claro que são experiências *outras* vividas em contextos *outros* e por indivíduos *outros*, sendo cada qual responsável por suas decisões e soluções, uma vez que "cada um é cada um" (tautologia carregada de significados para os AAs). Em outras palavras, padrinhos e madrinhas *sugerem uma continuação para as histórias que ouvem* de seus afilhados(as) — a continuação que tais histórias eventualmente tiveram em suas vidas e que propiciam algum distanciamento e reelaborações de pontos de vista¹³.

Mas, AA só pode ser uma comunidade de narradores porque é, ao mesmo tempo, comunidade de *ouvintes-aprendizes*. A reversibilidade desses papéis é evidente e acontece naturalmente nas reuniões. Todos têm *interesse* em ambas as *posições*, como também sentem a *necessidade* de incorporá-las, cada qual no seu devido tempo. Assim, para um novato é interessante e necessário ouvir porque é ouvindo que encontra as chaves do *seu* processo de recuperação. Mas, quase imediatamente torna-se interessante e necessário falar, para romper o isolamento e tornar sua experiência útil a outros (que anseiam por ouvi-la). Todavia, a mera necessidade é insuficiente para bem praticar essas *artes*; será preciso desenvolver também uma disposição interior para *aprendê-las* através do exemplo dos que já estão falando e ouvindo há algum tempo.

¹³ O apadrinhamento encontra-se definido e proposto, dentre outros títulos da entidade, em JUNAAB (1997). Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

Esse duplo aprendizado pode ser simultâneo ou não, e pode acontecer em graus muito díspares. Há quem já chegue *soltando o verbo*, mas incapaz de falar e ouvir em profundidade e para além das exterioridades; há quem leve semanas ou meses para conseguir falar nas reuniões, mas demonstra grande capacidade de expressão e compreensão nas conversas informais; há quem consiga equilibrar esses desenvolvimentos, como também há quem parece nunca aprender. Entretanto, quando se compara cada membro consigo mesmo à época em que chegou ao grupo, as transformações são sempre muito substantivas e tendem ao que os AAs chamam de "faixa da normalidade" — uma espécie de ponto de equilíbrio pessoal e intransferível: os mais extrovertidos e eufóricos tendem a *serenar*, enquanto os mais tímidos acabam se tornando *narradores*.

Esse refinamento da arte de contar é que nos levou a falar em *oratura*, um trunfo na estratégia comunicativa de AA, também porque, como lembra Medina (1998), esta é *polifônica*, evoca e lida com as *diferenças culturais*.

Diante do exposto, vemos que as reuniões nos grupos de AA substituíram o formato original da abordagem, mas incorporando seus aspectos essenciais e ainda com vantagens no rumo de romper a incomunicação típica do alcoolismo e alcançar, coletiva e amorosamente, a comunicação *de sujeito a sujeito*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Veja que até aqui já mesclamos a descrição dos elementos empíricos da práxis comunicativa de AA com nossas reflexões em torno dos usos articulados da razão e do afeto na construção de vínculos e

relações entre indivíduos *diversamente diferentes*, apenas acrescentaremos a seguir algumas ponderações com base em Restrepo (1998).

Este define a dependência de drogas em geral (logo, também o alcoolismo) como "um fenômeno inversamente proporcional à capacidade de dar e receber ternura, de viver na intimidade e de construir laços amorosos e afetivos com os outros"; e ainda, com uma dimensão comunicativa: "O medo do contato íntimo que o adicto demonstra leva-o a buscar na exaltação sensorial do psicoativo a *intensidade que não consegue tirar de seu contato cotidiano com os outros*" (RESTREPO, 1998, p.26-27, o grifo é nosso). Cada vez mais perseguida, essa intensidade se realiza, porém, cada vez menos.

Em contraste, a práxis comunicativa desenvolvida em AA, aqui representada num breve estudo da abordagem e das reuniões de grupos da entidade, mais do que interativa, propicia uma *fusão comunicativa*, instantes nos quais são abolidas as fronteiras entre o *eu* e o *tu*. A subjetividade em si se faz concreta e visível, os sujeitos tornam-se *objetos de si mesmos* numa relação que, por breve que seja, será indelével. A linguagem do coração propõe comunhão, mais do que comunicação, entre totalidades humanas; empatia em nível profundo, mais que afeto formal ou superficial. Depois de uma abordagem (e desde que ainda esteja mais ou menos *inteiro* psiquicamente), "nenhum alcoólico pode mais beber sossegado, pois a semente foi plantada" — é o que dizem milhares de *ex-beberrões* hoje em AA.

Vimos também que existe nessa práxis específica uma singular correlação entre razão e afeto, já que se trata de práticas estruturadas, racionalmente planejadas a partir do conhecimento prévio das profundas *potencialidades empáticas* dadas pela condição comum dos alcoólicos.

Isto nos parece tanto mais instigante porquanto a razão torna-se aí um fator de otimização do afeto e vice-versa; e tal confluência harmoniosa parece alinhar-se ao *direito à ternura* de Restrepo (1998): uma "alternativa amorosa que enuncia sua força a partir da fratura, uma ética da fraqueza, uma proposta de co-gestão para o amor que se assume também como uma proposta política" (Op.cit., p. 76). E que implica, todavia, correr o risco do "efeito dissolvente da sensibilidade":

(...) quem se aninha na ternura é assaltado e derrotado, de saída, fraturado pela pluralidade e tensionado pela diferença. A unidade do eu se rompe como um espelho que se converte em prisma e a carcaça da identidade cede, fendida sob a pressão de forças que, do interior do indivíduo, tentam entender o estranho, o diferente, o outro (Op.cit., p. 24).

Também os AAs afirmam que “a fraqueza é força” (JUNAAB, 2006, p. 33) e chamam informalmente suas práticas comunicativas de “terapia do espelho”, a qual lhes confere uma sofisticada habilidade para lidar com a alteridade intensa e múltiplamente presente em seus grupos. Com todas as implicações que estas formulações carregam, expressas nas reflexões que aqui buscamos desenvolver.

Vale lembrar, finalizando, que tais implicações se materializam dentro e *fora* da rede de grupos e escritórios da entidade, projetando-se externamente num amplo e diversificado conjunto de outros vínculos, relações e pertencimentos sociais dos AAs: familiares, comunitários, profissionais, religiosos, recreativos, políticos, culturais e quaisquer outros, tendo como base vidas pessoais eticamente pautadas, assim configurando um modo amoroso e humanizado de ser e de conviver com quaisquer *outros*.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1996, p. 197-221.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiróz, 1989.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1995, 10ª ed.

CARAZZAI, Luiz R. Como ajudar um alcoólico. In: JUNAAB. *Revista Vivência*, nº 32, Novembro de 1994, p. 37-38.

FIGUEIREDO, Jorge C.G. O Quarto Passo. In: JUNAAB. *Revista Vivência*, nº 41, Maio de 1996, p. 6-8.

GANEV, Eliane. *Dize-me como andas e te direi quem és. O método de Alcoólicos Anônimos à luz da comunicação social no contexto latinoamericano: Brasil e Uruguai*. Tese de doutorado. São Paulo, ECA/USP, 2002 (mimeo).

_____. Regulações institucionais e integração cultural: um binômio viável. In: *Cadernos PROLAM/USP* nº 2, vol. 2. ISSN: 1676-6288. São Paulo, PROLAM/USP, 2003, p. 45-77. Disponível em: www.usp.br/prolam/cadernos2003/2003b/03e_Ganev.pdf, acesso em 10/03/2014.

JELLINEK, Elvin M. Uma opinião sobre velhos amigos. In: JUNAAB. *Revista Vivência*, nº 5, Outubro de 1997, p. 18.

JUNAAB. *Alcoólicos Anônimos*. São Paulo, JUNAAB, 2001a.

_____. *AA Atinge a Maioridade*. São Paulo, JUNAAB, 2001b.

_____. *Os Doze Passos e as Doze Tradições*. São Paulo, JUNAAB, 2006.

_____. *O artigo de Jack Alexander sobre Alcoólicos Anônimos*. São Paulo, JUNAAB, 2011.

_____. *Perguntas & Respostas sobre Apadrinhamento*. São Paulo, JUNAAB, 1997.

MARTINS, Maria C.C.A. Em busca de uma compreensão do Trabalho Terapêutico dos Alcoólicos Anônimos. In: JUNAAB. *Revista Vivência*, nº 3, Abril de 1987, p. 13-18.

MEDINA, Cremilda C.A.. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1995.

_____ e GRECO, Milton (Orgs.) Narrativas do Humano Ser. In: *Planeta Inquieto*. São Paulo, CNPq/CJE/ECA/USP, Coleção Novo Pacto da Ciência nº 6, 1998, p. 192-199.

Reis, Carlos e LOPES, Ana C.M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra, Almedina, 2000.

Restrepo, Luis C. *O direito à ternura*. Petrópolis, Vozes, 1998.
SILVA, Lais M. A Solidariedade em Alcoólicos Anônimos. In: JUNAAB. *Revista Vivência*, nº 40, Março de 1996, p. 36-37.

Site consultado:

<http://www.alcoolicosanonimos.org.br>. Acesso em 27/04/2014